

PERÍODO PIONEIRO DA HIDRELÉTRICA DE PAULO AFONSO-BA: UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTORIOGRAFIA DE BASE LOCAL E REGIONAL

Sandra Muccini*

Sérgio Malta**

RESUMO:

Este artigo com o tema Período Pioneiro da Hidrelétrica de Paulo Afonso-BA: Uma Contribuição a Historiografia de Base Local e Regional tem como objetivo principal analisar os fatos pioneiros (1948 a 1955) que possibilitaram a construção da primeira hidrelétrica do complexo de Paulo Afonso. Concomitante às dificuldades que caracterizaram a “fase heróica” da Companhia, iniciava-se o que se convencionou chamar de “a epopéia de Paulo Afonso”. Nesse contexto, os fatos de maior proeminência foram coletados através de entrevista oral com depoentes entre as diversas categorias de trabalhadores que participaram da fase inicial de construção da referida hidrelétrica, no âmbito da vida privada ou coletiva da historiografia local e regional, coadunando-se, tal metodologia, de maneira harmoniosa com os objetivos inicialmente propostos.

Palavras-chave: Paulo Afonso, História, Hidrelétrica, Chesf.

ABSTRACT: This article with the subject Pioneering Period of the Paulo Afonso Hydropower Plant in Bahia: A Contribution to the Local and Regional Base Historiography has as main objective to analyze the pioneering facts (1948 to 1955) that make possible the construction of the first hydropower plant of the Paulo Afonso complex. Concomitant to the difficulties that had characterized the "heroic phase" of the Company, it was initiated what was called "the epic of Paulo Afonso". In this context, the facts of bigger prominence were collected through verbal interview with deponents among several categories of workers who had participated of the initial phase of construction of the mentioned hydropower plant, in the scope of the private or collective life of the local and regional historiography, incorporating itself, such methodology, in a harmonious way with the initially considered objectives.

Key word: Paulo Afonso, History, Hydropower Plant, Chesf.

* Graduada em Turismo pela Faculdade Sete de Setembro - FASETE.

** Professor da FASETE, UNEB e CESVASF e doutorando do Programa de Pós-Graduação da UFPE.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal analisar o período pioneiro da Hidroeletricidade de Paulo Afonso-BA. História não apenas técnica, isto é de um empreendimento técnico de grande envergadura, mas revelando, principalmente, o que há de mais humano nas relações sociais que se estabeleceram nessa região.

Dessa forma, para que esse intento pudesse ser realizado, recorreu-se aos instrumentos conceituais e metodológicos da História Oral, tão valiosa em face dos objetivos desse trabalho que privilegiou a narrativa de história de vida dos diversos agentes sociais da história pioneira de Paulo Afonso, relatando fatos e casos, incorporando a cultura trazida por cada um deles. Destacamos que esses pioneiros vieram de cidades, estados e até mesmo países diferentes, agregando suas culturas às de outros povos que aqui se encontravam a procura de emprego.

Para justificar a importância da pesquisa não foram pesquisados apenas fatos históricos, analisa-se também, de forma detalhada, os fatos que mais marcaram este período pioneiro por aqueles que aqui chegaram com tantos sonhos. Esses fatos são contados por alguns destes pioneiros que hoje fazem parte da História Viva da Usina Hidrelétrica. Por aqueles que contribuíram para que aquele sonho se tornasse real, não se trata apenas de elogios aos heróis e pioneiros da grande “cruzada de recuperação Nordeste”, destacam-se os “heróis anônimos”, numa “concepção mais moderna de História”, isto é, no enfoque de personagens que não são apenas os da primeira fila, mas dos obscuros, dos humildes, do mundo oculto que se move numa empresa imensa, como a CHESF. A importância do problema liga-se a necessidade de delimitar o espaço compreendido e o tempo decorrido dos fatos e casos examinados, tomando como período base os anos de 1948 a 1955. Espera-se, com isso, contribuir com o setor do Turismo, uma vez que os fatos aqui discutidos ficarão a disposição de todos aqueles que se interessarem pelas informações contidas nesse artigo.

1. HISTÓRIA: é possível um consenso conceitual?

A história, assim como as outras formas de conhecimento da realidade, está sempre se constituindo, ou seja, o conhecimento que ela produz nunca é perfeito ou acabado. Dessa forma podemos afirmar que há inúmeras discussões entre os vários especialistas sobre o que é história. Historiadores, geógrafos, sociólogos, cientistas políticos, estão sempre debatendo

sobre isso. Os historiadores em particular, procuram delimitar entre as outras áreas que estudam o homem, qual o campo específico da história. Tomam várias posições, diferentes e até conflitantes; discutem se a história deve estudar só o passado, se podem fazer previsões; tratam de definir os métodos e técnicas mais adequadas para se atingir o conhecimento histórico. A utilização deste, sobretudo, é sempre um dos assuntos mais polêmicos: o que não se pode fazer com tais conhecimentos? Como se pode manipular, pelas mais diversas razões, o passado do homem, o passado de um povo, de uma nação?

Para melhor entendermos este termo precisamos conhecer a história da história. Segundo Borges (1993, p.11) “História é uma palavra de origem grega que significa investigação, informação”. Ela surge no século VI a.C. Para nós do Ocidente, a História, como hoje a entendemos, iniciou-se na região mediterrânea, ou seja, nas regiões do Oriente próximo da costa Norte-africana e da Europa Ocidental.

A autora comenta que antes disso, os homens já sentiam necessidade de explicar para si próprios sua origem e sua vida. A primeira forma de explicação que surge nas sociedades primitivas é o mito, sempre transmitindo em forma de tradição oral. Entre os conhecimentos práticos, transmitidos oralmente de geração a geração, essas sociedades incluem explicações mágicas e religiosas da realidade. Para nós, homens do século XX, acostumados a um pensamento dito científico, uma explicação mítica parece pueril, irracional e ligada às superstições, mas é preciso que reconheçamos no mito uma forma de pensamento primitivo, com sua lógica e coerências próprias, não sendo, portanto, considerado invencionice.

2. HISTÓRIA DA COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO E A EVOLUÇÃO PIONEIRA DA PRIMEIRA HIDRELÉTRICA: Processo de construção e os atores sociais participantes

Neste capítulo será abordada a História da Companhia Hidrelétrica do São Francisco – CHESF. A história de uma organização é a história dos seus colaboradores e da região a que se serve. Desta forma enfocaremos fatos históricos que marcaram a época pioneira com ênfase nas referências pesquisadas através dos autores que contam a história fazendo uma breve síntese das idéias de aproveitamento pioneiro das “cachoeiras de Paulo Afonso” e da criação da CHESF.

2.1 Usinas Precursoras da CHESF

As iniciativas de maior importância para aproveitamento hidrelétrico do Rio São Francisco, no período anterior a criação da CHESF foram: Angiquinho (Delmiro Gouveia), Usina Hidrelétrica de Itaparica, antiga Petrolândia (PE) e Usina Piloto.

A Usina Hidrelétrica de Angiquinho, situada na margem alagoana do Rio São Francisco e dispendo de 1.500 HP (1.102 kw) de potência, foi a primeira obra destinada a aproveitar o potencial hidráulico da cachoeira de Paulo Afonso, além de ter sido uma das primeiras hidrelétricas do Nordeste do Brasil (Figura-1). Inaugurada em 23 de janeiro de 1913, pelo industrial Delmiro Gouveia, a pequena usina tinha por finalidade acionar as máquinas de uma indústria de linhas e fios, a Companhia Agro Fabril Mercantil, localizada no Município alagoano de Pedra. A energia produzida era igualmente usada para o fornecimento de luz elétrica à vila operária da fábrica. Delmiro chegou a iniciar a construção da segunda etapa da sua usina, próxima à Furna dos Morcegos, a qual foi interrompida com a sua morte em 10 de outubro de 1917.

O segundo empreendimento, a Usina Hidrelétrica de Itaparica antiga localizava-se na cachoeira de Itaparica nos limites dos estados da Bahia e de Pernambuco, próximo à velha cidade de Petrolândia – PE. Sua construção pode ser explicada pelo fato de que, durante a década de 1940, havia planos de efetuar o aproveitamento integral do Rio São Francisco em etapas sucessivas a partir dessa cachoeira. Na verdade, a Companhia Agrícola e Pastoril do Rio São Francisco S.A.



Fonte: Arquivo do Memorial Chesf, 1949.

Figura – 1 Angiquinho – a primeira Usina hidrelétrica do Nordeste.

O terceiro empreendimento foi consignado pelo Ministério da Agricultura, pela exposição dos motivos nº. 598, de 23 de maio de 1944 que autoriza a instalação da Usina Piloto com 2.500 KW em Paulo Afonso, como pode ser observado no depoimento abaixo:

A energia necessária para fornecer todo este trabalho, promover, desenvolver tudo, este trabalho aqui em Paulo Afonso foi Quando a CHESF foi fundada já estavam construindo aqui em Paulo Afonso a usina a chamada usina Piloto era uma usina pra fornecer energia para aqui, as cidades de perto mais aí quando a companhia começou com o serviço teve que fazer as casa e dá iluminação e a usina piloto foi terminada e passou pra CHESF pra alimentar aqui a necessidade da CHESF pra obra então essa energia gerada na usina Piloto seria para iluminação das ruas, nas construções das casa e movimentar as máquinas, as escavadeiras era ligado na usina vindo dessa usina que eu não me lembro qual era a capacidade dela (SIQUEIRA, 2006).

No depoimento é evidenciado as dificuldades iniciais de abastecimento de energia, comprovando-se a importância da Usina piloto no contexto do suprimento de energia requerida pela infra-estrutura necessária a construção da PA –I

2.2 Os Primeiros Passos da CHESF

O primeiro passo rumo a consolidação da CHESF como empresa do setor hidrelétrico nacional, ocorreu em 3 de outubro de 1945, quando o presidente da republica, Getúlio Vargas assinou o Decreto-Lei nº. 8.031, autorizando a organização da CHESF pelo Ministério da Agricultura; o Decreto-Lei nº. 8.032, concedendo ao Ministério da Fazenda o crédito especial de 200 milhões de cruzeiros para a subscrição das ações da Companhia e o Decreto-Lei nº. 19.706, que concedia licença à CHESF, pelo prazo de cinquenta anos, para efetuar o aproveitamento da energia hidráulica do Rio São Francisco entre Juazeiro (BA) e Piranhas (AL); fornecer aos concessionários de serviços públicos e fazer a distribuição direta de eletricidade para grande parte do Nordeste. A área inicial, delimitada por esse último decreto, era um círculo de 450 quilômetros de raio em torno de Paulo Afonso, compreendendo 347 municípios nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia que somavam 516.650 quilômetros quadrados (Figura – 2) . Em outubro de 1945, Getúlio Vargas foi deposto, assumindo em seu lugar José Linhares. Este presidente não deu continuidade ao projeto por não considerar o programa de grande importância para o

caráter muito transitório do seu governo. Com a posse de Eurico Gaspar Dutra, em janeiro de 1947, o projeto foi resgatado pelo chefe de gabinete civil da presidência, o Sr. José Pereira Lira, nordestino e grande entusiasta do projeto da Chesf e ao qual deu todo seu apoio. O presidente então tomou a construção de Paulo Afonso como obra prioritária de seu governo.

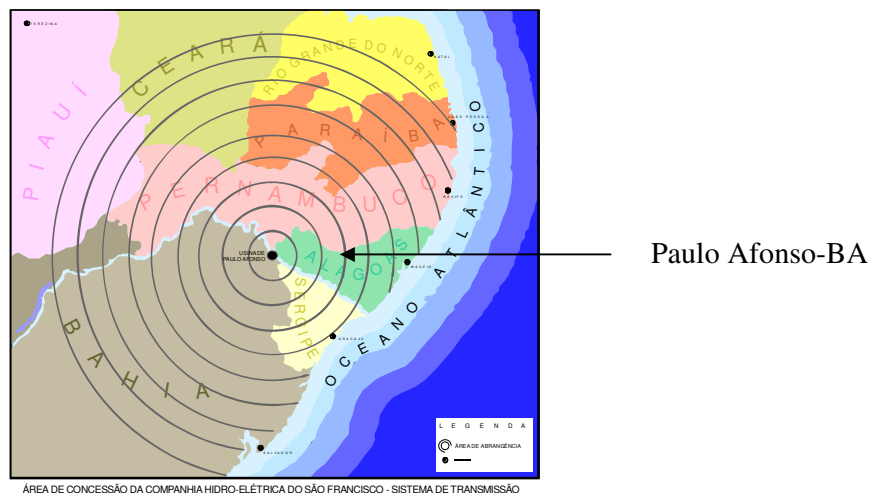


Figura – 2 Ilustração elaborada a partir do relatório publicado pela CHESF em 1964. Dado o estado de depreciação do original não foi possível identificar a escala.

Foram eleitos na ocasião, e posteriormente empossados, Alves de Souza o primeiro presidente da empresa, Otávio Marcondes Ferraz o diretor técnico; Adozindo Magalhães Oliveira, diretor administrativo e Carlos Berenhauser Júnior, diretor comercial. A CHESF passa a funcionar em sua própria sede, na Rua Visconde de Inhaúma, 134 – 15º. Andar, Rio de Janeiro.

Em 15 de março de 1948 acontece a Assembléia Geral de constituição da CHESF. A Assembléia Geral dos Acionistas reúne-se pela primeira vez, sendo nela aprovados os Estatutos da Companhia, a prestação de contas do Dr. Souza e eleitos os membros de sua primeira Diretoria, do Conselho Fiscal e do Conselho Consultivo e também fixados os respectivos vencimentos.

Ao contrário do que se pensava tiveram que ser construídas, no período de 1949 a 1985, cinco usinas hidrelétricas, formando a maior área em adensamento de hidrelétricas do Brasil, que é o complexo hidrelétrico de Paulo Afonso, com enorme capacidade de geração de energia. Além disso, foram desencadeados processos de crescimento econômico nos setores de comércio e serviços, formando uma área de enclave econômico na região semi-árida do Nordeste Brasileiro.

Foram muitas as dificuldades enfrentadas para construção da primeira usina, muitas delas eram de natureza técnica ou relacionadas a fragilidade da infra-estrutura regional da época, incapaz de absorver as dificuldades estruturais de um projeto do porte de Paulo Afonso.

Na perspectiva do engenheiro Bret, foram dois os principais problemas que tiveram que ser superados no período pioneiro de construção do complexo de Paulo Afonso. Na narrativa desse engenheiro observa-se primeiramente a preocupação com o processo de barramento do rio:

Então nós tivemos aqui durante a construção, nós tivemos um problema muito grande que foi. pra domar o rio lá no braço principal, isso é uma história muito longa, mas o Dr. Marcondes, fez, optou porque ele optou pelo processo das ensecadeiras pra poder fazer a porta, os portos do braço principal, pra abrir , pra fechar e isso o banco americano que emprestou o dinheiro. Quando Dr. Marcondes apresentou as soluções dele o banco, o consultor do banco, é, é por aquele processo não Dr. Marcondes não conseguiria êxito, Dr. Marcondes então, disse que conseguiria e o americano queria fazer uma solução de derrubar o obelisco dentro do rio pra poder fazer um remanso pra poder construir as comportas ali e o Dr. Marcondes não quis esse processo disse que esse processo era perigoso e o processo dele que era o certo, o americano garantia que por aquele processo na fazia , não conseguiria êxito então Dr. Marcondes fez um modelo reduzido por aqui por Paulo Afonso num outro local da obra e, e fez o modelo reduzido da ensecadeira, lá do braço principal e fez a demonstração e o processo dele é que dava certo e o processo do americano era muito perigoso pra pra a [] que estava construída a ensecadeira, isso pra explicar melhor teria que fazer desenhos pra, fica muito difícil, complicado assim explicar sem uma didática sem desenhos pra daí entender. Então o Dr. Marcondes chegou lá na América levou o resultado do modelo reduzido mostrando que o processo do americano era perigoso, em filme em câmera lenta vendo a queda do obelisco era perigosíssimo para uma das células que compunham as ensecadeiras e o banco se conformou e adotou e Dr. Marcondes entregou e disse: olha esse processo de vocês eu não faço, eu vou fazer o meu processo, agora se vocês dizem que o meu processo esta errado eu trouxe os meus cálculos, ta aqui meus cálculos, vocês vejam aí me mostrem aonde é que ta o erro, eu não acho, mas me mostrem aonde é que ta o erro que é pra eu consertar e entregou o americano ficou calado não disse nada, aí o presidente do banco chamou ele e disse: Dr. Marcondes nos vamos usar o seu processo (SIQUEIRA, 2006).

Do que pode ser depreendido do depoimento do Engenheiro Bret, observa-se que foi necessário colocar sobre o leito do Rio uma estrutura metálica que permitisse a construção das ensecadeiras, diminuindo a velocidade das águas no ponto mais encachoeirado da obra, (barramento do rio)

O processo final que permitiu o barramento foi a construção de malhas de aço entrelaçadas e colocadas sobre o rio. Sobre essa estrutura entrelaçadas iam se jogando pedaços de rocha até o ponto em que o curso do rio foi totalmente barrado (figura – 3).



Fonte: Arquivo do Memorial Chesf, 1954.

Figura – 3 Processo final de barramento do rio.

Com relação às dificuldades de infra-estrutura viária regional, o maior problema parece ter sido as estradas que não suportavam o peso das grandes estruturas mecânicas que tinham que ser transportadas dos portos de Recife e Salvador para o canteiro de obra em Paulo Afonso:

o [...] outro trabalho muito grande foi o transporte das máquinas, as turbinas os geradores , os transformadores de Salvador, eu fui fazer e disse...nós gastamos quatro dias de Salvador até aqui Paulo Afonso, saindo 4:00 horas da manhã e parando as 11:00 horas da noite, nós saímos de Salvador 4:00 horas da madrugada e chegávamos em Feira 11:00 horas , saímos de Feira 4:00 da manhã e chegávamos em Tucano as 8:00 horas da noite de Tucano agente subia pra Pombal, Cipó, vinha pra Cícero Dantas e a última etapa era Jeremoabo pra chegar aqui eram tivemos alguns problemas até chagar aqui porque as pontes não estavam dimensionadas para suportarem a carga. Aquele peso que nós trazíamos, então a gente quando chegava na ponte partia a carga botava a prancha o cavalo passava botava uma careta embaixo dele e ia três substituindo o cavalo o cavalo puxa o cabo e amarrava o guincho dele puxava e assim passava por cima da ponte e assim 5 km por hora eram três carros pra fazer isso em cinco pontes, eram 15 operações que a gente fazia numa manhã, perdia a manhã toda pra fazer isso pra passar. Tivemos esse aí, tivemos um outro que o carro atolou no Vasas Barris, porque a ponte não dava pra passar que nós passamos de 5 horas da tarde até 7:00 horas da manhã sem jantar sem dormir, passamos trabalhando a noite toda pra botar o caminhão do outro lado isso eu acho graça porque gostava dessas maluquice, era um trabalho danado mas saía quando acabava o serviço tava todo mundo morto de cansado agente olhava pra trás se entusiasmava com o que nós tínhamos feito e aí aquele cansaço desaparecia (SIQUEIRA, 2006).

Os problemas enfrentados geraram histórias de superação, verdadeiros desafios que tiveram que ser superados. Pode-se observar pelo depoimento do engenheiro Brete que o maior problema no transporte das peças das turbinas das hidrelétricas eram as pontes que não suportavam o peso dessas estruturas, obrigando o pessoal a improvisar, contornando as dificuldades, a pesar das limitações técnicas enfrentadas aquela época.

2.3 Narrativa de Um Anônimo da Obra de Paulo Afonso

Os anônimos aos quais se faz referência nessa pesquisa são os trabalhadores, considerados como mão-de-obra “não qualificada”. Vinham de todas partes do Nordeste, na expectativa de conseguir um emprego. Muitos deles vieram de municípios próximos ao canteiro de obras da CHESF em Paulo Afonso, como é o caso do Sr. João Felinto, que narra a sua trajetória de vida na Companhia:

Eu trabalhei por fora uns tempos, no campo. Depois o menino disse, vamos pro túnel, lá é melhor, agente ganha 4 mil réis a hora. Quando trabalhava por fora, o serviço que eu fazia enchia era encher caçamba, concreto, tudo isso. Ah! Ganhava dois mil réis por hora. Naquele tempo era pouco. Dava pra passar. No túnel pagava 4 mil réis a hora, aí eu fui pra lá trabalhar com Dr. Nonato. Aí depois de Dr. Nonato trabalhei com Dr. Siqueira muito tempo o serviço lá no túnel. Eu não tinha trabalhado com martelo. foi a primeira vez. Aprendi mais os meninos o serviço foi buraquemo de túnel abaixo. Furemos 21 túnel. Trabalhei em tudinho Trabalhei na primeira usina. Depois eu tirei as contas e fui embora por causa de cabra sem vergonha. Aí sofri lá, trabalhei um ano. Falei com o chefe que era Bastião Batista, quando fosse começar a 3º usina ele mandou me chamar lá, aí eu vim. Trabalhei na primeira usina e pedi conta. Por causa de cabra sem vergonha, que mandou eu ir pro estado de Minas que lá tava botando dinheiro no mato. Ele me iludiu, eu besta caí na esparrela. [...] Fui nada, fui pra casa plantar feijão. Em Alagoas Mata Grande. Aí, Bastião mandou me chamar. O chefe geral do túnel mandou me chamar, trabalhei mais 15 anos e aí me aposentei (FELINTO, 2006).

Pode-se deduzir o quanto era sacrificada a vida desses “cassacos”^{‡‡}, num trabalho insalubre, numa época em que praticamente não eram utilizados matérias de proteção para os trabalhadores da obra. Eram, portanto, bastante freqüente os acidentes de trabalhos, muitos deles causados pela falta de preparo dos trabalhadores para lidar com um serviço que oferecia grande perigo para eles. Alguns, no entanto, eram provocados por disputas internas por melhores colocações dentro do serviço, como pode ser constatado na narrativa que se segue

^{‡‡} Era o nome como ficou conhecido o trabalhador das Usinas hidrelétricas, cuja mão-de-obra não era considerada qualificada.

Um sem vergonha, lá que tinha andaime com 15 metros. Um sem vergonha lá derrubou um pau em cima deu. Nesse tempo eu tava já trabalhando como feitor com 25 homem. Ele queria essa vaga de feitor e não deram. Eu disse a esse homem, ele ta mais interessado do que eu. Aí não deram é você quem vai. Aí ele fez lá, derrubou um pau em cima deu, me acidentou. Derrubou de propósito. Só pode ter sido. Pião deixa ferramenta espalhada né, aí eu juntando, todo mundo desceu do andaime 4 da manhã, só ele ficou trepado, só pode ter sido de propósito. É. Pau grande assim, redondo, pintado como quem era envernizado. Caiu, o sangue voou pela boca que nem água e daí a muito tempo eu me levantei. Daí peguei a cabine, vim pro hospital, os homens gritava e os outros doente dizia esse vai delegado, delegado que me prende. Quatro costela fraturada em 2 partes, uma pancada na cabeça, fiquei vinte dia internado ali naquele salão, aí me deram alta. Você não pode trabalhar, fique carregando recado, fiquei carregando recado de um feitor pra o outro, até quando chegou a hora de me aposentar (FELINTO, 2006).

O mesmo depoente relata que os acidentes provocados por condições insalubres de trabalho eram mais freqüentes de que se imaginava. A maioria deles durante as escavações dos túneis.

Aconteceu lá. A dinamite na mina. Tava não, mas vi os tiro, só não tava ali perto dele. Botou a lanca no fumo, quando acabou alavanca explodiu, aí a lanca pegou na parede que enrolou a lanca. mas ninguém se feriu dessa vez não. Morreu muita gente. Nas secadeiras pra sair aqui. Tudo bruto, caía no rio quem era que achava. Tinha uns cabos de aço balançando, o cabra escapolia.... o cabra sem entender de nada ia embora. Aí com tempo, o quartinho cheio de documento. Chegaram aqui tudo sem documento, entraram aí que nem bode, aí daí a muito tempo disse que o quartinho pegou fogo, mas aquilo foi incendiado de gente que tem. Arrancava unha e tudo mais. Quem trabalhava com martelo... serviço de martelo é serviço de doido. Já viu um martelo? Ah! Martelo é uma máquina grande assim. Fura 4 a 5 metros de chão a dentro. Trabalhando pegado. Ele balança o cabra todinho, quem tiver medo se acaba. E os ouvidos? Eu não ouço mais hoje, só se falar alto perto deu. Já com 20 e tantos anos, ainda hoje ta a zuada dentro dos ouvidos, eu martelando. Eu me deito eu ouço direitinho. trabalhava 12 horas por dia. Era doze horas e largava em cima da hora. Trabalhei 18 anos com o martelo. Tinha o martelo de avanço para furar alto com ar comprimido, o cabra vai furando até chegar ao fim, trabalhava com aquele martelo de chão que bate na rocha. Trabalhava com todos dois. Além disso do martelo na Chesf. Quando eu me acidentei passei pra parte elétrica. Ta vendo esse negócio branco aqui foi eu na usina trabalhando na tal da câmara. Nunca tapou. Trabalhava em alvenaria. Fui trabalhar uns tempo de eletricista. Fazia gambiarra, ajeitava farol para iluminar de noite, uma coisa e outra. Nesse ano que eu saí, por essa linha daqui furei até 10 e tanta da noite as linhas de alta tensão. Não tem as torres? Furei essa linha até dez e tanta. Dez e tanta eu vinha embora. Furei com martelo. 25 ano de trabalho. Aí se aposentou com quantos anos? Não to lembrado. Só fazendo as contas (FELINTO, 2006).

Continuando a sua narrativa o depoente revela que era comum ocorrerem assassinatos, muitos deles por motivos passionais, brigas e confusões eram muito comum, principalmente fora da área das obras da Chesf, na vila Poty:

Do lado da secadeira do rio pra sair aqui no túnel, era toda hora, era toda hora acontecia. Matava gente que só bode aqui fora. Matava brigando. Vieram os primeiros, aí voltavam com medo. Tava matando gente que só bode. Aí mulher não tinha, quando chegava era um sucesso, aí por isso começava, aí não vamos não, lá tá matando muita gente, vocês não tem fé em Deus não. Os outros já tinham vindo e voltado. Aí nós vimos e fixemos com doze dias esperando a que mulher não tinha não aqui. Aqui veio tudo de fora, de Arcoverde, desse meio de mundo. Elas ficavam nas casas de cimento de papel por aí (FELINTO, 2006).

Os fatos ocorridos fora do acampamento chegavam a amedrontar as pessoas e muitos desistiam e iam embora, temerosos que viessem acontecer o pior com eles. Pode-se deduzir também do depoimento que havia muitas jogatinas e também prostituição, apesar de ser relativamente pequeno o número de mulheres ligadas à prostituição no início das obras, em relação ao número de trabalhadores.

Alguns fatos ocorridos (caso relatado pelo Sr. João Felinto) estavam relacionados ao caráter personalístico dos engenheiros e diretores da CHESF, no tipo de relacionamento que estabeleciam com os seus comandados. Alguns de personalidade muito forte mantinham-se distante dos “cassacos”, outros mais sensibilizados com a dureza do cotidiano desses trabalhadores procuravam atender os seus pedidos:

Conheci Dr. Siqueira, ele foi meu chefe muitos anos. Eu não sei não. Eu sei que foi muito tempo. A todo mundo ele tratava bem. Eu fui pedir um carro pra vê meu pai que tava doente, eu entrei pra dentro do túnel de calção, que naquele tempo trabalhava de calção mode a água, aí levantei, chegou o recado pra você me levar, mandou lá pra baixo, aí eu subi, aí fui pedir um carro pra vê ele em Mata Grande. Aí ele disse você vai pagar a gasolina, eu disse Dr. Siqueira se eu tivesse como pagar a gasolina eu não vinha lhe pedir carro não. Passa a ordem pra Dr. Muccini, chego na garagem ele disse, ele me chamava eu de iôio Dr. Muccini, aí disse iôio você vai pagar a gasolina, eu disse se eu tivesse como pagar a gasolina eu não vinha lhe aborrecer não, aí passa a ordem pra garagem. Cheguei na garagem a boléia está por falta de marcha, aí bota na oficina, aí botaram. Quando foi 11:05 saímos daqui. O motorista deixou todo carro pra traz. Aí chegamos lá peguemo o veio, trouxemos, ele disse: e chega atrasado leve pra casa. Chega atrasado leva pra casa, chega atrasado vai é pra casa, eu passei direto, já cheguei 7 da noite. Quando eu ia entrando dentro do túnel, trabalhei a noite a meio dia e ia trabalhar de noite, aí Dr. Siqueira mandou me chamar, seu João o senhor já tem hospital em casa, eu disse não senhor. O que é que eu tô fazendo? Levou o doente pra casa. Eu disse com ordem do médico. Se eu chegasse atrasado levasse pra casa. Aí a

mulher disse, muito bem seu João, ela tava lá nessa hora, Aí eu vim me embora. Eu não sabia lê, mas contar, contava o que via e o que não via. Aprendi nada. Trabalhando sem parar. Cheguei a conhecer a diretoria da CHESF Dr. Marcondes. Conheci muito. Eles só andavam de branco, nós tava em cima das secadeiras, eles chegavam em cima. Dr. Montenegro, Dr. não sei quem mais, eles só andavam no terno branco e no chapéu. Falavam com todo mundo, o que você quisesse pedir a ele. Tinha um pião ali... nesse tempo ele pagava 3 mil réis. Aí, eu não tinha dinheiro, eu vou pedir a Dr. Marcondes, aí eu disse eu vou pedir o dinheiro da bóia a ele. Cheguei lá falei com ele, enfiou a mão no bolso tirou 50 mil réis, Dr. Marcondes Ferraz. Quando a mulher dele morreu aqui a rua ficou em luto. Dona Marieta, ela era a mãe do povo daqui na Bahia. Ela fazia aqui pra ser tão querida, artesanato. Ensinava, botava viúva, mulher sem dono pra trabalhar. Era essas mulher sem dono, botou tudo pra trabalhar. Quando ela morreu, aí ficou dia de luto. Conheci Dr. Souza, conheci demais. Chegou a falar com ele alguma vez. Falei sim. E o meu pedido foi aceito. Pedi um réis. Me deu dois e quinhentos. Naquele tempo era mil réis, me deu dois e quinhentos. Mandava a ordem. Apontava pra você, vê se não saía no mesmo dia. Ele era chefe e mais alguma coisa (FELINTO, 2006).

Em sua opinião seu João explica, finalmente em poucas palavras, o que acha da Companhia: “A CHESF é a mãe dos povos, foi uma empresa importante pra região. Ave Maria demais! Agente daqui do Nordeste, descia pro Sul, se acordava madrugada pra sair, não tinha carro, era de pé. Era pior que o cemitério daqui, escuro. Foi uma benção que Deus mandou pra aqui”¹¹¹.

A opinião expressa pelo Sr. João Felinto mostra a importância que teve os serviços de construção da Primeira Usina da CHESF em Paulo Afonso, como alternativa aos fluxos migratórios tradicionais do Nordeste para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Esses fluxos foram intensificados, sobretudo, no final da década de 40 a 60 do século XX, em decorrência do forte processo de industrialização porque passou o centro sul do País, naquele período.

2.4 A Inauguração da PA - I

Em 1953, a CHESF voltou a negociar com o governo federal a liberação de recursos para o primeiro plano de expansão de Paulo Afonso, compreendendo a instalação da terceira unidade geradora, a ampliação do sistema de transmissão e transformação da usina, a escavação da segunda casa de máquinas (mais tarde chamada de Paulo Afonso II) e a execução das obras civis complementares.

Paulo Afonso foi à primeira usina projetada no Brasil para ser instalada no subsolo. Devido à variação no nível de água no cânion onde termina o canal de descarga, a construção

a céu aberto não era recomendável. A instalação em um ponto muito alto, livre das enchentes, provocaria grande perda de quilowatts, a instalação em ponto mais baixo, para melhor aproveitamento da queda d'água, obrigaria a construção de escudos envolvendo a usina.

A casa de comando ficaria na superfície. Na margem baiana instalar-se-ia a subestação elevadora, de onde partiriam duas linhas tronco de transmissão em direção a Recife e Salvador, em 220 kV de tensão. E, a partir de Recife, outras linhas para João Pessoa, Campina Grande e Maceió.

A Companhia Hidrelétrica do São Francisco nascia, portanto, sob a égide do desafio, do sacrifício. Não é difícil compreender a profunda identificação que se estabeleceu desde os primórdios, entre a Companhia e a hidrelétrica de Paulo Afonso, entre o criador, o executor e a criatura, sua obra. Os elos se tornaram cada vez mais estreitos na medida em que se ombreavam no canteiro de obras, operários de todas as matrizes, não só do ponto de vista étnico, mas cultural, social, intelectual, numa confraternização profunda de emoções e de experiências vivenciadas no dia-a-dia de suas realizações.

A hidrelétrica de Paulo Afonso (PA I) começou a ser construída no primeiro trimestre de 1949, tendo o engenheiro Otávio Marcondes Ferraz à frente dos trabalhos.

Na superfície ficaria a casa de comando e respectiva aparelhagem; na margem baiana, a subestação elevadora, com os bancos de transformadores e o resto do equipamento de alta tensão. Dessa subestação partiriam duas linhas tronco de transmissão, uma para Recife e outra para Salvador, em 220 kw de extensão.

As obras de desvio do São Francisco, que tiveram de superar grandes obstáculos de natureza técnica, devido à profundidade do leito do rio e à força de suas águas, foram concluídas em setembro de 1954. Com o fechamento do rio, procedeu-se ao enchimento do reservatório. Em outubro girou a primeira turbina e ao longo de novembro as linhas de transmissão para Recife e Salvador foram submetidas a testes. Finalmente, em dezembro, entraram em operação as duas primeiras unidades de Paulo Afonso e teve início a utilização da eletricidade por elas gerada.

Em 15 de janeiro de 1955, o Presidente João Café Filho inaugurou oficialmente a usina de Paulo Afonso com duas unidades geradoras de 60.000 kw cada uma em funcionamento, assim como as duas linhas-tronco de transmissão de 220kw para Recife e Salvador e as quatro subestações abaixadoras de Recife (PE), Angelim (PE), Itabaiana (SE) e Salvador (BA)

O Senhor Cardeal, D. Jaime Câmara procedeu a benção das instalações. O Presidente da CHESF proferiu uma breve oração entregando o empreendimento ao Exmo. Sr. Presidente da República que, no seu discurso, anunciou ter sancionado dois dias antes a Lei que autoriza o Tesouro Nacional a adquirir Partes Beneficiárias a serem emitidas pela CHESF até um total de Cr\$ 800.000.000,00.

Após a inauguração e a visita à Casa de Máquinas e à Casa de Comando, foi servido um churrasco a todos os convidados e todos os que trabalhavam para a CHESF, num total de cerca de 3.000 pessoas.

A empresa Internacional Westinghouse, fabricante das turbinas e geradores designou uma comissão de representantes seus, que veio dos Estados Unidos especialmente para assistir a cerimônia da inauguração.

Em 1955 a primeira usina hidrelétrica de Paulo Afonso – PA I foi de grande curiosidade, tendo sido grande o número de pessoas que visitou a obra nesse ano, eram engenheiros, industriais, banqueiros, estudantes e outras pessoas ilustres. A Casa de Hóspedes continuou sendo o único local de alojamento digno, pois ainda desta vez não tiveram prosseguimentos as obras do Hotel, iniciadas desde 1950.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências de sucesso apresentadas na elaboração desse Artigo através da técnica da História Oral foram muito gratificantes, coadunando-se de maneira harmoniosa com os objetivos inicialmente propostos. Sendo a História Oral a designação dada ao conjunto de técnicas utilizadas na coleção, preparo e utilização de memórias gravadas para servirem de fonte a historiadores e cientistas que com essa técnica podem organizar roteiros de entrevistas.

A pesar de não ser seu objetivo, essa pesquisa entra no mérito da atividade turística, uma vez que as informações contidas nesse trabalho podem contribuir com o desenvolvimento dessa atividade, criando-se alternativas para diversificar as atividades destinadas aos turistas quando houver alta densidade deles, e pensar em programas educativos que informe o turista sobre a maneira de realizar uma visita proveitosa e responsável.

Nesse caso a intervenção dos planejadores de turismo pode ser decisiva para que o turismo cultural e histórico possa ser um produto realmente autêntico e possa trazer

benefícios, não somente econômicos, como também socioculturais aos protagonistas. Pode-se criar um produto turístico cultural e histórico sem falsificação para agradar os turistas, e que este produto esteja dirigido, não apenas a uma platéia de curiosos forasteiros, mas também aos próprios cidadãos locais, que seu objetivo seja também o de mostrar às gerações jovens qual foi o processo pelo qual sua sociedade passou para chegar ao ponto em que se encontra.

A fidelidade aos fatos históricos, ao que está guardado nos arquivos, tanto oficial quanto na memória coletiva, a recuperação das histórias da vida cotidiana, tudo isso é condição para trabalhar bem um recurso cultural do ponto de vista de sua aplicação ao turismo.

A originalidade deste trabalho está em que cada momento que conta-se a história das pessoas, atentando para detalhes miúdos, como foram os casos retratados nas entrevistas, durante as quais, muitos se emocionavam contando sua trajetória de vida, como chegaram, o dia-dia e como estão até hoje. Foi necessária coragem para contar partes de suas vidas, como se estivessem voltando ao passado. A emoção se evidenciava nas expressões que faziam e na forma simples que colocaram cada caso. Foi necessário ter cuidado redobrado para manter a originalidade do trabalho de transcrição, haja vista seu potencial interpretativo, aspecto de suma importância nesse estudo.

Nesse contexto é necessário reconhecer a contribuição do Sr. Euclides Batista Filho que é mais um defensor dos operários pioneiros que construíram as usinas, a cidade e a história de Paulo Afonso.

Assim como o Sr. Euclides, deixa-se registrado aqui essa contribuição ao resgate da história do povo que fez Paulo Afonso. Considera-se, portanto, que a importância dessa região é grande para o curso de turismo, pois através desse estudo, pode-se dar uma contribuição ao aproveitamento turístico de base local e regional, visando contribuir para conhecimento do profissional da área de turismo e da população, tanto no que se refere a área a ser explorada e admirada quanto ao conteúdo histórico.

REFERÊNCIAS

50 anos CHESF- 1948/1998, Centro de Memória da Eletricidade, Rio de Janeiro: 1998.

ANDRADE, Manoel Correia de. **TRADIÇÃO E MUDANÇA**. A organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do sub-médio São Francisco. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BATISTA FILHO, Euclides. **NÓS FIZEMOS PAULO AFONSO**. 2ªEd. Gazeta da Bahia e Cruzando o Nordeste. Paulo Afonso-BA: 2003.

BORGES, Vavy Pacheco. **O QUE É HISTÓRIA**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CIA. **HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO**. Relatório de 1954.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **HISTÓRIA ORAL**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte. Autêntica. 2006.

FAUSTO, Boris. **HISTÓRIA CONCISA DO BRASIL**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006

FERRAZ, Octavio Marcondes. **UM PIONEIRO DA ENGENHARIA NACIONAL**. Centro de Memória da Eletricidade no Brasil. Rio de Janeiro. 1993.

FERRAZ, Otávio Marcondes. **USINA HIDRELÉTRICA DE PAULO AFONSO**. IN_ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA Nº. 2, Outubro de 1949.

FELINTO, João. depoimento [Outubro. 2006]. Entrevistador: Sérgio Luiz Malta de Azevedo. Paulo Afonso-BA: MP3 REC (56 min), estereo. Entrevista concedida para a pesquisa: A Produção do Espaço Urbano-regional na área das Hidrelétricas do Sub-médio São Francisco do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPE e para A monografia de Graduação do Curso de Bacharelado em Turismo da FASETE, Intitulada: Período Pioneiro da Hidrelétrica de PAULO AFONSO-BA: subsídio para atividade turística de base regional.

JUCÁ, Joselice. Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj, **CHESF – 35 ANOS DE HISTÓRIA**, Recife, CHESF. 1982.

MOTA, Myriam Becho & BRAICK, Patrícia Ramos. **HISTÓRIA**: das cavernas ao Terceiro Milênio 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

NASCIMENTO, Luiz Fernando Motta. **PAULO AFONSO: LUZ E FORÇA MOVENDO O NORDESTE**. Salvador-BA. EGBA/ACHÉ. 1998.

NKITIUK, Sonia M. Leite. **REPENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

REIS, Roberto Ricardo do Amaral. **PAULO AFONSO E O SERTÃO BAIANO: SUA GEOGRAFIA E SEU POVO**. 1 ed. Paulo Afonso-BA: Fonte Viva, 2004.

SANT'ANA, Moacir Medeiro de. **Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia, 1917 – 1994**. CHESF, Recife: 1996.

SILVA, Antonio Galdino da. **PAULO AFONSO – Redenção do Nordeste**. Campina Grande-PB. Ed. Especial. 1981.

SOUZA, Antônio José Alves de. **A ENERGIA DE PAULO AFONSO E O NORDESTE**. Recife: Gráfica e Editora do Recife S/A, 1955.

SIQUEIRA, Brete: depoimento [abr. 2006]. Entrevistador: Sérgio Luiz Malta de Azevedo. Paulo Afonso-BA: MP3 REC (56 min), estereo. Entrevista concedida para a pesquisa: A Produção do Espaço Urbano-regional na área das Hidrelétricas do Sub-médio São Francisco do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPE e para A monografia de Graduação do Curso de Bacharelado em Turismo da FASETE, Intitulada: Período Pioneiro da Hidrelétrica de PAULO AFONSO-BA: subsídio para atividade turística de base regional.